

AULAS DE PORTUGUÊS E O INSTAGRAM: INTEGRANDO A INFORMALIDADE AO ENSINO TRADICIONAL

PORTUGUESE CLASSES AND INSTAGRAM:

INTEGRATING INFORMALITY INTO TRADITIONAL EDUCATION

Adriane Leão de Sousa¹

Giovana Carvalho Alencar²

Resumo: O atual cenário tecnológico-informacional sugere uma necessária mudança em todas as áreas da sociedade, dentre elas, o âmbito educacional. Diante disso, uma vez que os alunos estão constantemente conectados com as novas tecnologias, as escolas não poderiam eliminar a possibilidade de inovar e modernizar a educação. Nessa perspectiva, o presente artigo procura demonstrar como o ensino tradicional da Língua Portuguesa pode, juntamente com os gêneros midiáticos, corroborar para um ensino-aprendizagem mais significativo e atrativo para o aluno. Para isso, objetiva-se propor a utilização de posts das mídias sociais – em especial, do Instagram – como auxílio para orientação de um dos principais conteúdos curriculares das aulas de português: a gramática normativa. Além disso, têm-se como fins específicos analisar a realidade do ensino de LP no Brasil e descrever a função e a importância dos gêneros midiáticos no âmbito social. Este trabalho configura-se como exploratório, o qual, segundo Gil (2010), visa buscar um maior conhecimento do tema escolhido, proporcionando maior simplificação e assim torná-lo o mais claro possível. Ademais, fez-se uma pesquisa bibliográfica acerca de melhores metodologias para as aulas de Língua Portuguesa, segundo Antunes (2003); a ideia de gêneros midiáticos, conforme Pinheiro (2002); conceitos de gênero, nas visões de: Bakhtin (1997), Marcuschi (2008) e entre outros. E, como processo metodológico, buscou-se escolher publicações no Instagram que possuísem desvios em relação à norma culta, a fim de possibilitar a exposição da gramática normativa de uma maneira contextualizada. Dessa forma, observa-se que este trabalho é de grande relevância, pois promove a integração da informalidade das mídias sociais com o tradicionalismo da sala de aula. Na conclusiva, percebe-se que a adoção de novos métodos auxiliares no ensino é basilar para promover um ensino-aprendizagem dinâmico e reflexivo.

Palavras-chave: Educação; Gêneros midiáticos; Língua Portuguesa; Instagram.

Abstract: *The current technological-informational scenario suggests a necessary change in all areas of society, among them, the educational sphere. Faced with this situation, since students are constantly connected to new technologies, schools could not eliminate the possibility of innovating and modernizing education. From this perspective, this article aims to demonstrate how traditional teaching of the Portuguese language can, together with the media genres, corroborate for a more meaningful and*

¹Graduanda em Letras-Português pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). adrianeleao.sousa1@gmail.com;

²Graduanda em Letras-Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e bolsista PIBID. giovana2564@gmail.com.

attractive teaching-learning for the student. To this end, it aims to propose the use of some social media posts - especially, from Instagram - as an aid to guide one of the main curricular contents of Portuguese classes: the normative grammar. In addition, the specific purposes are to analyze the reality of PL teaching in Brazil and to describe the function and importance of the media genres in the social field. This work is an exploratory work, which, according to Gil (2010), aims to seek greater knowledge of the chosen theme, providing greater simplification and thus making it as clear as possible. Additionally, a bibliographical research was made about better methodologies for Portuguese language classes, according to Antunes (2003); the idea of media genres, according to Pinheiro (2002); concepts of genres, in the visions of: Bakhtin (1997), Marcuschi (2008) and among others. Besides that, as a methodological process, it was sought to choose publications in Instagram that had deviations from the cult norm, to allow the exposure of normative grammar in a contextualized manner. Thus, it is observed that this work is of great relevance since it promotes the integration of the informality of social media with the traditionalism of the classroom. In conclusion, it is noted that the adoption of new auxiliary methods in teaching is basic to promote a dynamic and reflective teaching and learning.

Keywords: Education; Media genres; Portuguese language; Instagram.

1. Introdução

Levando em consideração as crescentes alterações do cenário mundial, observa-se que as maneiras de viver dos indivíduos foram modificadas, adotando formas do universo tecnológico-informacional. Nesse sentido, percebe-se que a sociedade do século XXI é marcada e reconhecida pelo advento tecnológico e pela modernização dos meios de comunicação, fazendo com que as novas gerações sejam imersas em contextos inovadores e diferenciados.

Sendo assim, trazendo ao âmbito educacional, as escolas não poderiam ficar à margem do processo de inserção de novas tecnologias, uma vez que essas fazem parte da realidade e das conjunturas nas quais os alunos estão inseridos. Partindo disso, pensou-se em uma proposta que adequasse as práticas tradicionais ao uso dos gêneros midiáticos – meios que promovem a comunicação nos ambientes digitais on-line –, em especial a rede social Instagram, para o ensino da Língua Portuguesa.

É nesse contexto que o presente trabalho tem como objetivo principal apresentar propostas para o ensino de Língua Portuguesa por meio dos gêneros digitais, especificamente o Instagram. Ademais, possui como finalidades específicas analisar a realidade do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, bem como compreender a função e a importância desses gêneros nos campos social e educacional.

Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia empregada configura-se como exploratória, a qual, segundo Gil (2010), visa buscar um maior conhecimento do tema escolhido, proporcionando maior simplificação e assim torná-lo o mais claro

possível. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, apresentando melhores metodologias para o ensino da Língua Portuguesa, de acordo com Antunes (2003); a ideia de gêneros midiáticos, segundo Pinheiro (2002); conceitos de gênero, nas visões de: Bakhtin (1997) e Marcuschi (2008) e entre outros. O estudo será desenvolvido a partir do Instagram, no qual é possível encontrar inúmeras publicações que podem auxiliar no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa de maneira real e contextualizada.

Pensando nisso, este trabalho é de extrema relevância, pois evidencia a possibilidade de unir o campo educacional e os meios midiáticos, a fim de proporcionar um ensino-aprendizagem mais lúdico, eficaz e significativo, visto que os alunos da nova geração estão diretamente conectados com as mídias sociais.

Portanto, a seguir, serão descritas características mais específicas acerca do ensino da Língua Portuguesa; dos gêneros midiáticos enquanto formas de comunicação e o seu apoio à educação e, tal brevemente, sobre o ensino da Língua Portuguesa na rede social Instagram. Também serão feitas algumas propostas para unir o ensino tradicional e os gêneros midiáticos, com a finalidade de tornar o ensino mais dinâmico e real.

2. O Ensino “Atual” da Língua Portuguesa no Brasil

Durante o século XVII, no Brasil, a Língua Portuguesa tinha como função apenas a alfabetização nas escolas - de uma minoria. Ela ainda não era importante o suficiente para ser implementada no componente curricular, pois as línguas indígenas e até o próprio latim ainda tomavam de conta do cotidiano comunicativo dos brasileiros.

Já no século XIX, com a valorização do português, este foi visto como necessário ao componente curricular das escolas. Diante disso, os estudantes agora tinham que aprender a ler, a escrever e a entender a gramática da Língua Portuguesa – a qual, de início, foi implementada como apoio à do Latim. Porém, com o tempo, esta foi perdendo o seu prestígio, dando espaço à “supremacia” e autonomia da gramática da Língua Portuguesa dentro do território brasileiro.

Apesar do crescimento no interesse do estudo da estrutura do português, essa gramática ainda estava alheia à verdadeira “língua brasileira” (SOARES, 1996, p. 15). Algo que, dois séculos depois, ainda não mudou. Embora tenham acontecido mudanças

tanto nas salas de aula quanto no programa curricular da disciplina, o foco exacerbado no ensino da estrutura da língua continua preenchendo o cotidiano de muitos professores - tanto de rede pública, quanto privada.

A verdade é que, embora haja uma intensa ação das instituições governamentais a favor de uma escola mais eficiente e produtora de seres pensantes na língua, é muito difícil quebrar o conservadorismo no ensino de Língua Portuguesa, o qual acontece há mais de 200 anos. A prova dessa dificuldade é o contraste entre a evidente preocupação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em estabelecer que os conteúdos de Língua Portuguesa se articulem com o objetivo de promover reflexão acerca da língua (MEC, 1998) e a realidade que vemos na rotina das salas de aula.

Toda a gramática que se vê numa rotineira aula de português é aquela voltada à nomenclatura. Uma busca incessante por classificação correta de unidades, classes e subclasses. Diante disso, devido a esse contentamento por classificações, a língua real e em uso é amplamente esquecida e ignorada, tanto pelos alunos quanto pelos professores. De acordo com a linguista Irlandé Antunes (2003, p.32), a nomenclatura é justamente a parte menos flexível e que menos sofre intervenção do falante. Talvez seja por isso que é mais fácil abordá-la em sala de aula e trazê-la como único ponto a ser estudado no português.

Consequentemente, a língua da vida real, ou seja, a que é realmente usada no dia a dia das pessoas passa a ser um alvo de correções e de extrema desvalorização. De repente, falar “a gente vimos”, em vez de ser visto como uma variação da Língua Portuguesa brasileira, acaba se tornando motivo de chacota e até de despreço ao discurso do sujeito. Os olhos, imediatamente, voltam-se à não-concordância verbal entre “a gente” e o verbo “ver” e se esquecem de levar em consideração o conteúdo do discurso – o qual pode até ser mais interessante e acrescentador do que o da pessoa que emprega a concordância.

Entender e ensinar que a língua é viva e está sujeita ao homem (e não o contrário) é papel essencial do professor. Ela é “aberta, fluida, cheia de indeterminação e polissemias, porque é atravessada justamente por nossa condição de seres históricos” (FARACO, 2005, p.64). E é exatamente por ela ter essas características que o ensino de Língua Portuguesa não deve se embasar apenas em regras e nomenclaturas. Entenda: não é dizimar o ensino delas, mas não as tornar o âmago da aprendizagem. Afinal, o objeto das aulas de português é a própria Língua Portuguesa - e isso inclui suas

variantes. Focar apenas nas regras é diminuir demais uma língua que tem tanto a oferecer e mostrar sobre o seu povo.

É importante ressaltar aqui, também, o porquê de ser necessário o ensino de português para os próprios nativos da língua. Muitos podem logo pensar: “para aprender as regras e não falar errado”, e isso só transparece o erro propagado pelo ensino de português conservador durante todos esses anos. Ao contrário do que é comumente pensado, as aulas de português não têm, ou não deveriam ter, esses objetivos. Travaglia (1996) diz que um dos vários motivos para esse ensino é ajudar o aluno a empregar adequadamente a língua em diversas situações comunicativas. A ideia do “adequadamente” vai além de correto ou incorreto de acordo com a norma culta. É a capacidade de conseguir se comunicar em diferentes situações, tanto formais quanto informais. É saber a hora mais adequada para falar “nós iremos” e “nós vai”.

Portanto, é necessário enfatizar que o professor de Língua Portuguesa deve ter como principal objetivo, com o seu aluno, o desenvolvimento da competência comunicativa dele, e isso, em outras palavras, significa oferecer uma sala de aula repleta com diversidades textuais, com uma variedade de discursos. Fonseca e Fonseca (1977) reafirmam isso quando abordam que é essencial abrir a aula para a pluralidade de discursos. A partir disso, o estudante entrará em contato com vários textos – orais e escritos – que mostrarão a ele que a Língua Portuguesa não é fixa, petrificada e isenta de articulações criativas.

Chomsky, o grande nome da Linguística Gerativista, defende que todo usuário da língua tem a capacidade de formar sequências linguísticas próprias dentro dela – denominado, por ele, de “criatividade linguística”. Para o linguista, nenhum falante é movido pelas regras aprendidas na escola, mas sim pelo seu conhecimento interno e intuitivo da língua – motivo pelo qual há tantas formações linguísticas diferentes das estruturas engessadas apresentadas na sala de aula. O fato que precisa ser entendido é que, de acordo com Irandé Antunes (2003, p.94):

O conhecimento que o falante tem das regras que especificam o uso de sua língua é um conhecimento intuitivo, implícito, ou seja, não requer, em princípio, que se saiba explicitá-lo ou explicá-lo. No entanto, esse saber implícito acerca do uso da língua pode ser enriquecido e ampliado com o conhecimento explícito dessas mesmas regras. Esse é o objetivo das descrições gramaticais, ou seja, das descrições de como as regras da gramática se aplicam aos diversos contextos de uso da língua.

Ou seja, não é parar de ensinar as regras, mas sim mostrar que não são elas as regentes das situações sociocomunicativas. O ensino delas deve ser apenas para, como já foi dito, enriquecer e ampliar o conhecimento que o aluno já tem. Ademais, é imprescindível que o professor busque tornar a Língua Portuguesa real e atrativa, levando para a sala de aula situações verdadeiras do uso da língua, a partir de meios nos quais os alunos estão inseridos, como, por exemplo, a internet.

Em uma entrevista, os escritores Marcelino Freire e Cristovão Tezza foram questionados sobre os problemas que a internet traz à língua, justificando que a velocidade de interação nas mídias sociais pode acabar “matando” a língua, na medida em que os jovens abreviam, inventam palavras e escrevem diferente do que a norma padrão prega. Imediatamente, os estudiosos rebateram de que esses casos só evidenciam a dinamicidade e a vivacidade da língua. Dessa forma, a partir da invenção de palavras e de dinamismo de vocabulário e gramatical, os jovens têm se divertido e feito com que a língua se modifique e se mostre como mais atual do que nunca – algo que, infelizmente, eles não encontram na sala de aula.

A ideia de o professor tornar as aulas de português mais atrativas não significa que ele deve se vestir de uma forma mais chamativa, fazer piadas, mudar a cor do pincel ou brincar mais. Significa apenas mostrar que a Língua Portuguesa está viva e que é possível estudá-la a partir dos meios com os quais os alunos mais se identificam. Não é preciso se desvincular do cronograma estabelecido pelo material didático, porém o professor pode adaptar os assuntos à realidade sociocomunicativa e apresentar aos alunos as inúmeras variedades da Língua Portuguesa brasileira.

Diante disso, “já não há mais lugar para o professor simplistamente repetidor [...]. O novo perfil do professor é aquele do pesquisador, que, com seus alunos [...], produz conhecimento, descobre-o e o redescobre.” (ANTUNES, 2003). O professor que ama a sua língua e a sua profissão precisa se reinventar, descobrindo, junto com os alunos, a beleza do português, suas variações e as diversas formas de usá-lo na comunicação.

É incontroverso que é de grande importância estabelecer um padrão para escrita e para as variadas situações formais - em nenhum momento, isso foi negado. Afinal, é para isso que os alunos estão indo à escola, para ampliar as habilidades linguísticas. Contudo, essa norma padrão da língua não deve ser abordada como a única existente ou

a única correta para usar em qualquer situação. Pois, “‘certo’ é sempre aquilo que se diz na situação ‘certa’ à pessoa ‘certa’” (ANTUNES, 2003).

3. Gêneros midiáticos enquanto instrumentos de comunicação

Os gêneros, em sua totalidade, cumprem uma importante função social, uma vez que são caracterizados como entidades que possibilitam a comunicação interpessoal – auxiliando e facilitando a ação comunicativa. Ademais, apresentam padrões sociocomunicativos específicos de cada contexto e ambiente em que o texto interage com o leitor.

Conforme Bakhtin (2000, p.279), cada âmbito da atividade humana dispõe de um variado número de gêneros, que refletem as condições e objetivos de cada grupo. Esses elementos distinguem-se uns dos outros por dotarem um conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional singulares. Partindo disso, compreende-se que esses são sistemas discursivos infinitos, pois são criados pensando na necessidade de cada falante, nas diversas formas de interação comunicativa e perspectivas de emissor e receptor.

Para ratificar tal informação, torna-se necessário citar Bakhtin (1997, p. 284), o qual diz:

Cada esfera conhece seus Gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Em acréscimo, Marcuschi (2008, p.159) contribui para essa discussão quando salienta:

Gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos. A tipicidade de um gênero vem de suas características funcionais e organização retórica.

Dessa maneira, como dito, os gêneros são responsáveis por promover a ação comunicativa – seguindo as especificidades e padronizações de cada âmbito da

atividade humana. Tendo em vista isso, de acordo com Bakhtin (2000), podem ser considerados produtos sociais de cada época e sociedade, uma vez que, quando inserido em uma específica ocorrência linguística, o falante/ouvinte produz um conjunto de formas discursivas que são fixadas a partir de contextos sociais e históricos.

Nesse sentido, levando em consideração que as formas discursivas são marcadas por meio de contextos sócio-histórico-culturais, subentende-se que as crescentes alterações do cenário mundial e as demandas das novas gerações – as quais ocorreram em virtude do advento tecnológico e da modernização das maneiras de comunicações coletivas – exigem novas formas e recortes nos ambientes digitais on-line.

A sociedade do século XXI é caracterizada pelas acentuadas transformações em um novo ambiente – ciberespaço – em que os gêneros discursivos adquirem a configuração dos gêneros digitais, os quais estão imersos no campo virtual. E, na contemporaneidade, corroboram juntamente com as mídias clássicas (cartas, diários, jornais, correios, bilhetes, postais etc.), a fim de efetivar a comunicação. Porém, de uma maneira diferenciada. Nessa perspectiva, Lévy (1999, p. 9) diz que “o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem”.

Os gêneros midiáticos fazem parte do amplo grupo de gêneros discursivos e são conhecidos por conquistarem espaços não lineares e sublimes da internet. Esses elementos são vistos como evoluções e modernizações dos tradicionais e compõem o novo universo informático e informacional no cenário contemporâneo. Além disso, contribuem para a organização e, de certa forma, solidificação das situações comunicativas do cotidiano, uma vez que as interações estão no alcance das redes de conhecimento e sociais.

Em continuidade, essas novas formas de comunicação são aclamadas e fazem sucesso devido à facilidade, rapidez e informalidade no momento de comunicar-se. Em um único gênero, há inúmeras maneiras de emitir um discurso³, expressar-se e representar práticas socioculturais, como por exemplo: textos, imagens, sons, movimentos e entre outros recursos, que são criados para facilitar e inovar a

³ A linguagem no âmbito virtual é conhecida como a hipertextual – caracterizada pela não linearidade e pela presença de diversos blocos informacionais que convergem entre si e produzem uma sequência de conhecimentos, possibilitando assim ao leitor uma postura mais ativa e participativa.

comunicabilidade, bem como ícones indicadores de emoções, reações e posturas. Como ressalta Marcuschi (2004), essa é a vantagem das mídias digitais sobre os outros gêneros.

Nesse ponto de vista, a respeito dos gêneros midiáticos, Pinheiro (2002, p. 287) complementa:

O que se pode destacar é que os textos midiáticos, enquanto gêneros, são formas de representar práticas socioculturais dentro de outras práticas socioculturais institucionalizadas que envolvem participantes (produtores e receptores), mediados pelo texto, a partir de contratos tácitos que vinculam as duas pontas do processo de comunicação (produtores e receptores), numa incessante tarefa de produção de sentido a partir do querer dizer do produtor e do que é interpretado pelo receptor.

Outrossim, as mídias sociais tornaram-se de imensa importância para a sociedade, pois viabilizam a comunicação de forma prática, eficaz e em tempo real. Também, auxiliam a sociedade no processo de interação com o próximo; exposição de dicas importantes para vários grupos; expressões de opiniões, posicionamentos e questionamentos válidos em diversos quesitos que envolvem a humanidade; aquisição de conhecimentos educacionais curriculares e nas representações das expressões humanas, sejam sentimentais ou comportamentais.

À vista disso, todas essas conexões e experiências são possíveis, devido à existência dos blogs, e-mails, fanfics, vlogs, chats, GIFs, redes sociais – as quais visam a interação social por intermédio de postagens, memes e compartilhamentos, ao vivo, de situações cotidianas – e outros gêneros midiáticos, que favorecem as relações interpessoais, ensino-aprendizagem e acesso às informações.

4. Os gêneros midiáticos em apoio à educação

A educação, no decorrer dos anos, passou por grandes transformações e evoluções em seu processo, visto que sempre tentou-se encontrar as melhores formas, atuações e práticas educacionais para professores e alunos, a fim de otimizar o ensino-aprendizagem e torná-lo mais atrativo, dinâmico e significativo.

Dessa forma, tomando como base a sociedade da informação, assim denominada por Werthein (2000), e toda sua mutabilidade, observa-se que o público discente – o qual tem contato direto com as novas tecnologias – ainda tece muitas reclamações

acerca do tradicionalismo do ensino e do distanciamento de suas realidades. Isto é, a aprendizagem não possibilita ao aluno compreender seus objetos, acontecimentos e os atos de seu contexto social, e, ainda, não o habilita para uma participação ativa nas atividades (DEWEY, 1978).

Com isso, percebe-se que a maior participação de estratégias direcionadas à inovação e tecnologia torna-se necessária para aproximar alunos de seus contextos sociais e dos novos gêneros e para combater os déficits de leitura, produção textual e sistematização – afinal, é impossível eliminar a tecnologia do cenário atual. Pois, de acordo com Ribeiro (2005, p. 126), essas tecnologias “fundaram novas maneiras de escrever e ler, utilizando interfaces novas: o teclado e o monitor em vez da caneta e do papel, a impressora, a utilização de softwares tais como o Word, o bloco de notas, os navegadores para a leitura na Internet.”

Dessa maneira, validando o que foi dito, torna-se apropriado citar PCN (1997, p. 17):

A nova realidade social, conseqüente da industrialização e da urbanização crescentes, da enorme ampliação da utilização da escrita, da expansão dos meios de comunicação eletrônicos e da incorporação de contingentes cada vez maiores de alunos pela escola regular colocou novas demandas e necessidades, tornando anacrônicos os métodos e conteúdos tradicionais [...].

Sendo assim, um exemplo de que a educação busca sempre suas melhores versões e métodos é a presença dos gêneros midiáticos nas escolas, que foram incorporados ao currículo tradicional pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Esses gêneros – em apoio à educação – são recursos que favorecem a aprendizagem dos adolescentes no âmbito virtual, facilitando, assim, seu entendimento, aquisição dos conhecimentos e familiarização com as novas mídias de comunicação.

5. O *instagram* e a língua portuguesa na sala de aula

Lançado em 2010 por Kevyn Systrom e Mike Krieger, o Instagram se tornou uma febre, principalmente entre o público juvenil. Sendo uma oportunidade de os jovens se expressarem e buscarem uma “fuga” da rotina, esse aplicativo possibilitou a propagação de inúmeros conteúdos, como: notícias, negócios, propaganda, lifestyle,

piadas, dicas, receitas, entre outros. Tais assuntos são, normalmente, compartilhados a partir de imagens, vídeos e textos.

De acordo com uma pesquisa feita pela empresa Kantar TNS, o uso dessa plataforma, no Brasil, em 2016, ultrapassou a média global. Em seus resultados, consta que, enquanto no mundo, 23% das pessoas utilizavam o Instagram, no Brasil, a porcentagem chegou a 75% - evidenciando a popularidade que ele conquistou no país. Diante desse número, entende-se o motivo pelo qual esse aplicativo pode ser uma opção de complemento à sala de aula, na medida em que já é tão bem conhecido e manuseado por grande parte dos alunos.

Ademais, devido ao fato de ser um programa em alta no país – o que, conseqüentemente, chamará a atenção do aluno -, nele são encontradas as mais variadas formas de comunicação. Em outras palavras, ele acopla diversas formas de falares pessoais. É nele que as variedades da língua podem ser encontradas bem mais expostas e sem o “filtro” da padronização linguística – ajudando, assim, o professor de Língua Portuguesa a produzir uma aula dinâmica que realmente contempla o dia a dia do aluno. Vale salientar que o objetivo do uso, nas aulas de português, dos conteúdos disponibilizados no Instagram não deve ser a “correção” das variações linguísticas, mas sim o manuseio delas para o ensino da gramática normativa, que é o esperado – também – nas competências da disciplina. É essencial entender que é perfeitamente possível utilizar essas postagens para mostrar como elas ficariam adequadas dentro da gramática normativa, sem desvalorizar a escrita, o conteúdo e o autor da mensagem. Ou seja, sem praticar qualquer preconceito linguístico e sem instigar os alunos a fazê-lo também.

6. Propostas para a Sala de Aula

Nessa lâmina, serão apresentadas algumas ideias de como ensinar a gramática normativa a partir de postagens presentes no Instagram, sem fazer uso de qualquer termo que indique se algo está “certo” ou “errado”. Além disso, é imprescindível que, em todo esse processo de “tradução” da língua em uso para a norma culta, o docente deixe claro de que não há nada de errado nos textos expostos – em virtude de serem

apropriados ao meio virtual –, mas apenas que, ao levá-los a uma língua formal⁴, haveria inadequações de escrita.

O objetivo é ajudar o professor a expor diversos assuntos que o material didático solicita, utilizando as variações linguísticas espalhadas pelo aplicativo, sem precisar estimular, no aluno, o ideal de que há uma forma mais certa de falar e de escrever. Para isso, como escopo teórico na análise gramatical dos textos, foi utilizado o livro “Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação”, de William Cereja e Thereza Cochar.

Figura 1 - Print da rede social Instagram



Fonte: IG @depressaouniversitariaa no Instagram⁵.

Nessa imagem, o autor faz menção à grande pandemia que assolou inúmeras pessoas ao redor do mundo em 2020, o Covid-19. A partir dessa ideia, ele retrata uma situação que muitos indivíduos com problemas de rinite e sinusite passam durante esse caos na saúde pública: o falso alarme de terem sido contaminados pelo corona vírus.

Diante desse *post*, o professor de Língua Portuguesa pode utilizá-lo para abordar diversos assuntos de interesse à gramática normativa. De início, o professor pode explicitar a diferença entre “tem/têm”, evidenciando que, se fosse necessário levar essa postagem para a norma culta do português, o adequado seria “têm”. Além disso, é possível falar sobre a necessidade, dentro de um texto escrito formal, da acentuação gráfica do “às vezes” juntamente com o seu isolamento por vírgulas.

⁴ Lembrando que essa é uma das competências que a escola busca desenvolver no aluno.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B_7IUvDnh8L/?igshid=1chul316ip31s>. Acesso em: 11 maio. 2020.

Ademais, ainda é viável ressaltar sobre o vocativo, o qual, independentemente do seu tamanho, de acordo com a gramática normativa, deve vir isolado por uma vírgula. Consequentemente, devido à colocação dessa pontuação no post, o professor pode, também, abordar sobre a colocação pronominal de “me add”, mostrando que, a partir das regras de ênclise, próclise e mesóclise da norma culta, o adequado – numa situação de escrita formal – seria o uso da ênclise.

Figura 2 - Print da rede social Instagram



Fonte: IG @ironicabarbi no Instagram⁶

Nesse *post*, o autor faz menção à rapidez com a qual o tempo passa, evidenciando o curto espaço de duração entre as idades de 15, 18 e 25 anos.

A partir dele, o docente pode, além de falar sobre o vocativo (“gente”) e a vírgula após ele, iniciar uma explicação sobre concordância verbal, por meio da expressão “tu faz” – levando o aluno a entender que, em um texto formal, é necessário estar atento para os pronomes pessoais e para os verbos que os seguem. Ademais, o professor pode adicionar a curiosidade do uso da preposição “num”, a qual ainda causa algumas dúvidas se ela está mesmo presente na norma oculta ou não.

Por fim, direcionando a aula para o entendimento de algumas expressões informais (proposta que pode ser bastante utilizada por meio dessa e de outras postagens), o docente pode analisar, juntamente com os alunos, o efeito de sentido, nesse *post*, do adjunto adverbial de tempo “do nada”. O ideal, também, é propor que os estudantes explicitem as várias situações do dia a dia nas quais essa expressão esteja

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B_5yceyDdU5/?igshid=1s0n92yp01qg3>. Acesso em: 11 maio. 2020.

presente. Dessa forma, todos adentrarão ainda mais no contexto informal da língua e no conhecimento de que ela deve e sempre vai estar presente na vida dos alunos.

Figura 3 – Print da rede social Instragram



Fonte: IG @soldadoferido no Instragram⁷

A imagem apresenta o característico meme da retirada da foto de perfil quando a pessoa se encontra deprimida, realizando assim um ato dramático. Em um contexto pedagógico, o professor pode utilizar o *post* em sala de aula para auxiliar no ensino de diversos conteúdos a respeito da gramática normativa, como, por exemplo: colocação pronominal, acentuação, pontuação (uso da interrogação, da vírgula na construção de sentido) e conjugação verbal.

Nesse sentido, o professor de Língua Portuguesa pode iniciar a aula explicando acerca da colocação pronominal de “Me bloqueou otario”, e explicitar que, se fosse necessário levar à norma padrão da LP, seria indicado começar uma frase com pronome oblíquo átono enclítico, ou melhor, posicioná-lo depois do verbo. Além disso, pode esclarecer a importância, para a escrita formal, da acentuação gráfica de “otario” – a partir da regra de que todas as proparoxítonas são acentuadas. E, paralelamente a isso, explicitar seu isolamento por vírgulas, por se tratar de um vocativo – termo empregado para invocar o interlocutor.

Em continuidade, é necessário frisar que o uso das pontuações propicia diferentes intenções e sentidos no texto. Para isso, o docente pode salientar que seria adequado – em conjunturas formais – utilizar o ponto de interrogação (?) para indagações e, ainda, exemplificar com “n to sem foto” que a presença, ou não, da

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B_8y-z5grU/?igshid=1puxj1jphlt0y> Acesso em: 11 de maio. 2020.

vírgula pode criar diferentes interpretações. Ademais, acrescentar à explicação que a forma indicada do verbo “estar” – conjugado na 1º pessoa do singular – é “estou”, porém que as escritas “to” e “tou” são viáveis quando imersas no campo virtual.

Figura 4 – Print da rede social Instagram



Fonte: IG @soldadoferido no Instagram⁸

O *post* em questão apresenta o cômico voltado para a escolha do nome “Freefirerson”, o qual é baseado em “freefire” – jogo de grande sucesso na atualidade. Assim, em um ambiente educacional, o docente pode utilizá-lo como apoio para ensinar conteúdos curriculares da Língua Portuguesa, tais como: classes gramaticais (substantivo); pontuação (uso do travessão, da vírgula e do ponto final) e o uso dos “porquês”.

De início, a fim de criar um clima dinâmico e interativo, o professor pode levar curiosidades acerca do termo “Freefire” e comentar o contexto que propiciou a criação desse meme. E, em proveito disso, esclarecer que “freefireson” e “rosa”, por se tratarem de substantivos próprios, viriam iniciados com letras maiúsculas – caso fosse exigido levá-los à norma padrão. Outrossim, apesar do texto facilitar a compreensão e diferenciação de “rosas” e “rosa”, seria importante ressaltar as classificações e flexões dos substantivos presentes no texto.

Além disso, também, é viável alertar sobre o uso de letras maiúsculas no início de frases, clarificar a importância do travessão – o qual, no *post*, é apresentado em

⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CADdiUIHw3X/?igshid=14xwv4nf2astk>> Acesso em: 11 de maio. 2020.

forma de hífen e seguido de letras minúsculas – para indicar falas que compõem um diálogo, bem como o uso do ponto final para indicar o fim de uma ideia. E, ainda observando as pontuações no meme, pode explicar o uso da vírgula em isolamento do vocativo, que, no exemplo, são “pai” e “Freefireson”.

Ademais, pode sobressaltar acerca do uso abreviado dos “porquês” no *post*, explicando que tais formas são marcas do internetês⁹, e que, embora seja adequado utilizá-las no ciberespaço, não é indicado adotá-las em um contexto formal. Em seguida, depois da exposição do uso dos “porquês”, seria pertinente pedir aos alunos que trocassem as abreviações pelas escritas apropriadas, de acordo com a gramática normativa.

Considerações finais

Esse trabalho apresentou, portanto, a necessidade dos professores de Língua Portuguesa buscarem atrelar o seu ensino aos gêneros midiáticos, já que, de acordo com o PCN (1997, p. 17), “a nova realidade social, consequente da industrialização e da urbanização crescentes [...] colocou novas demandas e necessidades, tornando anacrônicos os métodos e conteúdos tradicionais”. Dessa forma, tendo em vista o advento da tecnologia, a sua evolução e as modernizações ocorridas no mundo, é essencial que os professores e as instituições escolares conheçam e acompanhem as possíveis formas de ensino da Língua Portuguesa.

Além disso, buscou-se mostrar a possibilidade de entrar em contato com a língua que os jovens utilizam no cotidiano e, ao mesmo tempo, ensinar a gramática normativa, sem precisar enfatizar que apenas ela é a única forma correta em toda e qualquer situação sociocomunicativa. A partir dessa ideia, almejou-se, além de oferecer formas de tornar as aulas de português mais dinâmicas e com uma linguagem mais presente na vida do aluno, contribuir com a diminuição da proliferação do preconceito

⁹ É um neologismo (Internet + ês) que representa a linguagem no ciberespaço. É evidenciado por deixar a comunicação virtual semelhante a real, tendo traços de simplicidade e informalidade, uma vez que possuem abreviações de palavras, supressão de sílabas, retirada de acentos e presença de emoticons e acrônicos.

em relação às inúmeras variações linguísticas no país e, conseqüentemente, nas salas de aula.

Como ferramenta para esses objetivos, utilizou-se o Instagram, ciberespaço bem popular no Brasil, o qual evidencia a flexibilidade, a vivacidade e os dinamismos da língua. Em contrapartida, embora seja basilar diversificar e reinventar o modo de ensinar a Língua Portuguesa e – conseqüentemente – de realizar a educação, é importante ressaltar que, infelizmente, o uso dos aparatos tecnológicos e das mídias sociais é um privilégio das escolas privadas. Pois, incontáveis instituições públicas não possuem recursos necessários para inovar e modernizar o ensino-aprendizagem nos ambientes educacionais.

Referências

- ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- AUMENTA uso de Snapchat e Instagram, inclusive entre público mais velho. KANTAR, 1 de dez. 2016. Disponível em: <<https://br.kantar.com/tecnologia/comportamento/2016/dezembro-aumenta-uso-de-snapchat-e-instagram,-inclusive-entre-p%C3%BAblico-mais-velho/>>. Acesso em: 11 de mai. 2020.
- BAKHTIN. Os gêneros do discurso. In: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacional para o Ensino Médio. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2020.
- CEREJA, William.; COCHAR, Thereza. Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação. 3. ed. São Paulo: Atual, 2009.
- DEWEY, John. Vida e educação. 10. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- FARACO, Carlos Alberto. In: XAVIER, Antônio Carlos; CORTEZ, Suzana (orgs.). Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da Linguística. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005. p 64.

- FONSECA, F. I.; FONSECA, J. Pragmática Lingüística e ensino de português. Coimbra: Almedina, 1977.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LÉVY, P. As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (org.). Hipertexto e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13 – 67.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gênero e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Orlandi, E. P. Língua e conhecimento lingüístico. São Paulo: Cortez, 2002.
- PINHEIRO, N. F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L.; MOTTA-TOTH, D. (Orgs.) Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino de linguagem. Bauru-SP: EDUSC, 2002. p. 259-287.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Os hipertextos que Cristo leu. In: ARAÚJO, Júlio César Araújo; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. (Orgs.) Interação na internet: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 124-130.
- SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. Revista de Educação/AEC n.101, ano 25, p. 9-19, out./dez., 1996.
- TRAVAGLIA, L. C. Ensino de gramática numa perspectiva textual interativa. In: AZAMBUJA, J. Q. (org.). O ensino de língua portuguesa para o 2º grau. Minas Gerais: UFU, 1996, p.107 - 156.
- WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. Ciência da informação. v. 29, nº 2, p. 71-77, 2000.